

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

DOUBLE BILL

3 de Setembro de 2022

THE RUSSIANS ARE COMING, THE RUSSIANS ARE COMING

VÊM AÍ OS RUSSOS / 1966

um filme de NORMAN JEWISON

Realização: Norman Jewison *Argumento:* William Rose a partir do romance de Nathaniel Benchley *Fotografia:* Joseph F. Biroc *Som:* John Romness, Al Overton, Clem Portman, Sydney Sutherland *Montagem:* Hal Ashby, J. Terry Williams *Música:* Johnny Mandel *Direção artística:* Robert F. Boyle *Cenografia:* Darrell Silvera *Guarda-Roupa:* *Caracterização:* Del Armstrong, Naomi Cavin, Sydney Guilaroff *Efeitos especiais:* Daniel Hays *Interpretação:* Carl Reiner (Walt Whittaker), Eva Marie Saint (Elisabeth Whittaker), Alan Arkin (Tenente Rozanov), Brian Keith (Link Mattocks), Johnathan Winters (Norman Jonas), Paul Ford (Fendall Hawkins), Theodore Bikel (o capitão russo), Tessie O'Shea (Alice Foss), John Phillip Law (Alexei Kolchin), Ben Blue (Luther Grilk), etc.

Produção: The Mirisch Corporation para a United Artists (EUA, 1966) *Produtores:* Norman Jewison, Walter Mirisch *Cópia:* blu ray, cor, 126 minutos, versão original em inglês e ocasionalmente em russo legendada electronicamente em português nos diálogos em inglês *Estreia comercial:* 25 de Maio de 1966 *Estreia comercial em Portugal:* 20 de Abril de 1967, no cinema São Jorge *Primeira exibição na Cinemateca.*

NOTA Tendo-nos chegado uma cópia 35 mm num acentuadíssimo estado de degradação cromática, optou-se por apresentar o filme numa cópia digital que mantém as características de cor, embora a imagem apresente uns pontos electrónicos visíveis em alguns planos.

THE RUSSIANS ARE COMING, THE RUSSIANS ARE COMING é apresentado em *double bill* com FROM RUSSIA WITH LOVE (“folha” distribuída em separado) | Entre os dois filmes há um intervalo de 20 minutos

Era uma vez um tempo de Guerra Fria. Hoje, muita água e muitas pontes corridas, dir-se-ia um tempo tão longínquo como os de contos e fábulas. Ainda assim nem por isso, medido em décadas, por mais “segunda metade do século XX” que seja e por muito tristemente que o século XXI se comporte. Era então o tempo da Guerra Fria, conceito, e realidade, que configurou o pós-Segunda Guerra Mundial dividindo o mundo nos dois blocos que cultivavam relações subterrâneas, uma incomunicabilidade de superfície e muito nervosismo à flor da pele. Num planeta política e militarmente marcado pelo antagonismo EUA/URSS, regido pelo concreto medo da bomba nuclear, pululavam as intrigas de espionagem e contra-espionagem, extravasando para o cinema. E havia sempre a possibilidade do riso, como Billy Wilder tão excepcionalmente exclamou em *One, Two, Three* (1961), um filme da Berlim murada “de onde ninguém sai inteiro”. Em meados dos anos 1960 havia margem para a paródia e à paródia se dedica Norman Jewison adaptando livremente o romance de Nathaniel Benchley numa das suas colaborações com Hal Ashby, creditado na montagem. *The Russians Are Coming, The Russians Are Coming*, relativamente esquecido entretanto, deu bastante que falar quando estreou, capitalizando – passe a utilização literal da palavra – o interesse ocidental pelas representações do mundo comunista “do lado de lá” congeminações em Hollywood.

O ponto é inescapável num visionamento contemporâneo de *The Russians Are Coming, The Russians Are Coming*, expressão que salta dos diálogos para título embebida do desfasamento entre a ameaça nela eventualmente contida e a eficiência da piada. “Os russos desembarcaram” (*the russians have landed*), que descreve em diversos momentos do filme a percepção dos acontecimentos do ponto de vista da comunidade da pequena cidade costeira de Nova Inglaterra na qual encalha um submarino soviético que tem nome de polvo, transmuta-se no fim para um grito alucinado de um resquício de cavalaria, “Vêm aí os russos! vêm aí os russos!” A personagem que o clama lembra mesmo outro ambiente, o de Frank Capra em

Arsenic and Old Lace (1944), no qual o manicómio do mundo alberga velhinhas, tresloucados e jovens apaixonados na mesma explosão de riso. (Fim de divagação capriana.) Em “The Russians Are Coming, The Russians Are Coming (1966): Reconsidering Hollywood’s Cold War ‘Turn’ of the 1960s”, o extenso ensaio de Tony Shaw publicado em 2010 na revista *Film History* (vol. 22, nº 2), encontram-se considerações de monta sobre o tópico da representação cinematográfica da Guerra Fria a partir do filme de Jewison. Uma citação:

As análises do cinema da Guerra Fria costumam olhar para o início dos anos 1960 como um ponto de viragem na abordagem do conflito Leste-Oeste por Hollywood. É-nos dito que idos eram os filmes híper anti-comunistas, ultranacionalistas e militaristas da era McCarthy, tais como *The Red Menace* (R.G. Springsteen, 1949), *My Son John* (Leo MacCarey, 1952) e *Strategic Air Command* (Anthony Mann, 1955). Argumentam os académicos que outros chegaram, satirizando a “Coca-colonização” (*One, Two, Three*, Billy Wilder, 1961), questionando o papel dos militares na política americana (*Seven Days in May*, John Frankenheimer, 1964), e lançando a sombra da dúvida sobre a estratégia da força de dissuasão nuclear (*The Bedford Incident*, James B. Harris, 1965). O que fica amplamente ausente destas análises é, no entanto, uma reflexão consistente sobre como o inimigo da América da Guerra Fria foi retratado no ecrã ao longo dessa mesma era: se se considerava que a União Soviética representava uma ameaça menor para os EUA do que em filmes anteriores, se os intuitos do mundo comunista eram encarados como tendo mudado para melhor, ou se o próprio comunismo era representado em termos comparativos como menos “não-americano” do que no início dos anos 1950. [...] *The Russians are Coming* merece um lugar especial na história do cinema da Guerra Fria. Por um lado, ajudou a deitar por terra as barreiras culturais, apoiando os que promulgavam a acalmia entre as superpotências. Foi motivo de um debate político considerável nos EUA e desfez em lágrimas de alegria alguns espectadores de cinema quando foi mostrado na URSS. Por outro lado, a comédia de Jewison contribuiu inconscientemente para consolidar as divisões ideológicas entre Este e Leste. Humanizou os russos da única maneira possível em Hollywood, descomunizando-os. Se ao menos o inimigo pudesse ser como estes marinheiros soviéticos, mais como ‘nós’, dizia o filme, a Guerra Fria desvanecer-se-ia muito simplesmente. Pouco admira que *The Russians Are Coming* tenha sido tão popular nos EUA quando estreou e, porventura, que seja hoje celebrado como um ‘clássico’ intemporal sobre o encontro do Este com o Leste.

É boa leitura. O fragmento é apenas parte inicial do ensaio que passa pela “farsa realista” e reflecte sobre “uma lição profunda e salutar” questionando se houve de facto “ponto de viragem em Hollywood” nesses meados dos anos 60 olhados na era pós-queda do Muro de Berlim, em finais dos 1980, por altura do desfecho do caminho trilhado por Mikhail Gorbatchov e Ronald Reagan (o presidente americano que fora vedeta de Hollywood, já agora lembre-se). No artigo de Shaw conclui-se que o início dos anos 1960 assistiu a algo próximo de uma mudança na abordagem hollywoodiana da Guerra Fria no sentido em que este filme, como outros, reflectiu a decepção progressiva que os americanos sentiam no dealbar da “crise dos mísseis em Cuba” de 1962, afastando-se da perspectiva uni-dimensional que dominava as produções de Hollywood nos anos 1940 e 50. É o que, por outro lado, abre alas – argumenta ainda este autor – às comédias que nos anos 1970 ridicularizam a Guerra Fria, do *Bananas* de Woody Allen (1971) ao *The In-Laws* de Arthur Hiller (1971). “*The Russians Are Coming* renunciou a uma leitura ideológica da Guerra Fria favorecendo uma leitura cultural” mas nos termos limitados do *mainstream* de Hollywood. Encontramos então um mundo de papelão, recheado de equívocos, boas e más intenções, uma família modelo, uma história de amor “multi-nacional”, um sentido comunitário, um desfecho exemplar do “salvamento no último minuto” a que sucede o final feliz da solução humanista reunindo adversários. Ah, e quase todos são muito louros. Mas nenhum tão luminoso como Eva Marie Saint, já não *On the Waterfront* ao lado de Marlon Brando, já não *North by Northwest* com Cary Grant, sob os olhares de Elia Kazan e Alfred Hitchcock, mas integrando um elenco para muitas personagens no mesmo ano de *Gran Prix*, o filme de John Frankenheimer com outras estrelas e um desportivo enredo Fórmula 1.